



Grupo allegorico para o monũmento da Guerra Peninsular a erigir em Lisboa

(Esculptura de José d'Oliveira Ferreira)

(Cliché de Marques Abreu)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600
Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Comprem os Bordados

Schweizer

franco de porte a domicilio

Vestidos	Blusas
desde Fr. 11.80	desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

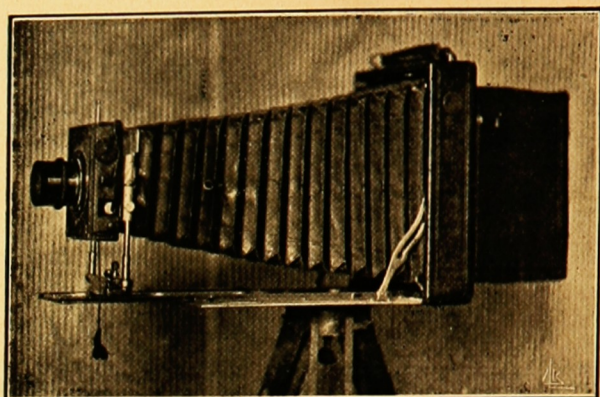
Do melhor bordado suizo, sobre cambraia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade.

Peçam a nossa collecção 82 de figurinos novos com amstras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne Suissa

Machina Photographica



Vende-se uma machina photographica com boa objectiva, um tripé de madeira, 3 chassis duplos, tamanho 13x18.

A quem requisitar enviam-se, gratis, photographias obtidas pela mesma.

Luiz do Souto — Guimarães.

Cinco visitas a Jesus Sacramentado
(Com approvação ecclesiastica)
Preço, 5 reis.

Está hoje sobejamente demonstrado que pela excellent qualidade das materias primas empregadas e meticoloso cuidado no acabamento e ajustagem de todas as suas peças

As machinas de costura 'Naumann,, são as melhores.

A sua fama estende-se a todo o mundo por causa da sua elegancia, do seu trabalho leve e silencioso e da sua longa duração.
 Especies para bordados artisticos
 A elevada citra de

Um milhão e setecentas e cincoenta mil machinas de costura

que por nós tem sido fabricadas e vendidas, quantidade que nenhuma fabrica da Europa ainda conseguiu attingir, prova evidentemente quanto tem sido lisougeira a acceitação que

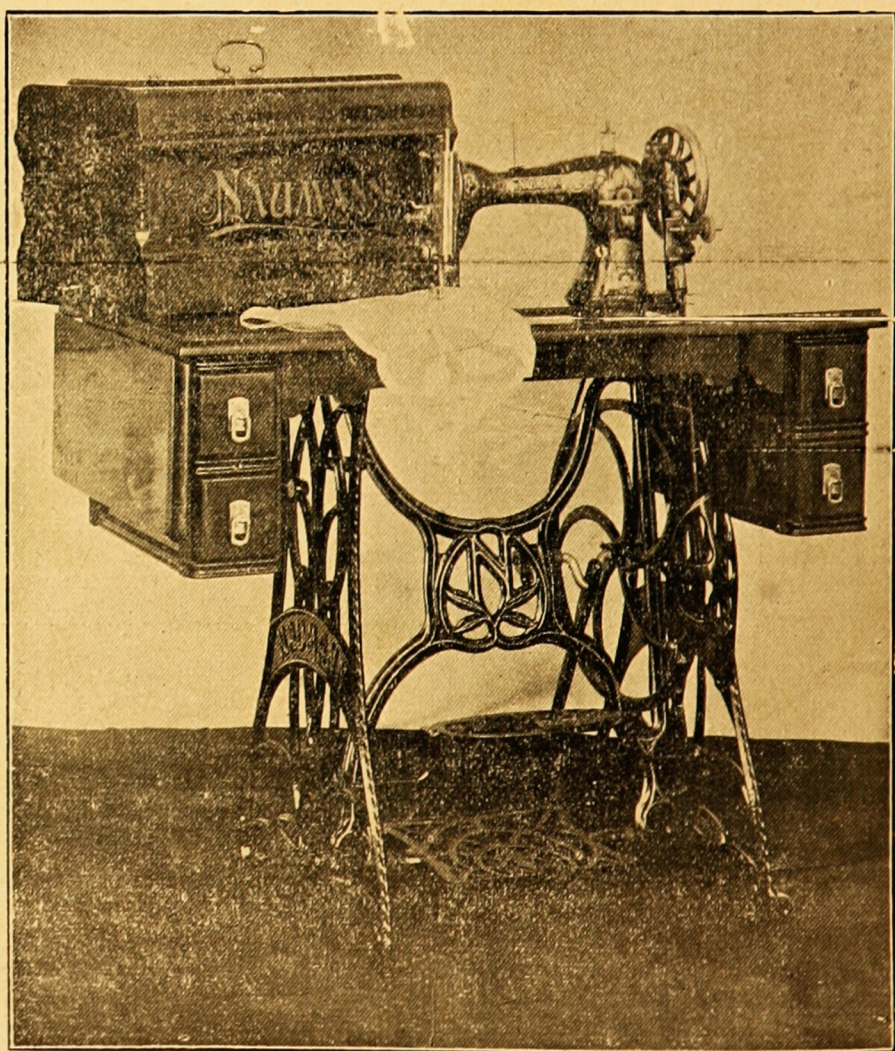
A machina de costura "Naumann,,

tem encontrado em todos os mercados.
Quem adquirir a machina de costura «Naumann» pode ficar certo de que ella lhe prestará proveitoso serviço durante muitos annos.

Deposito em Braga:

Armazens da Caixa Penhorista Bracarense

PREÇOS SEM COMPETENCIA



Dão-se as mais amplas garantias



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

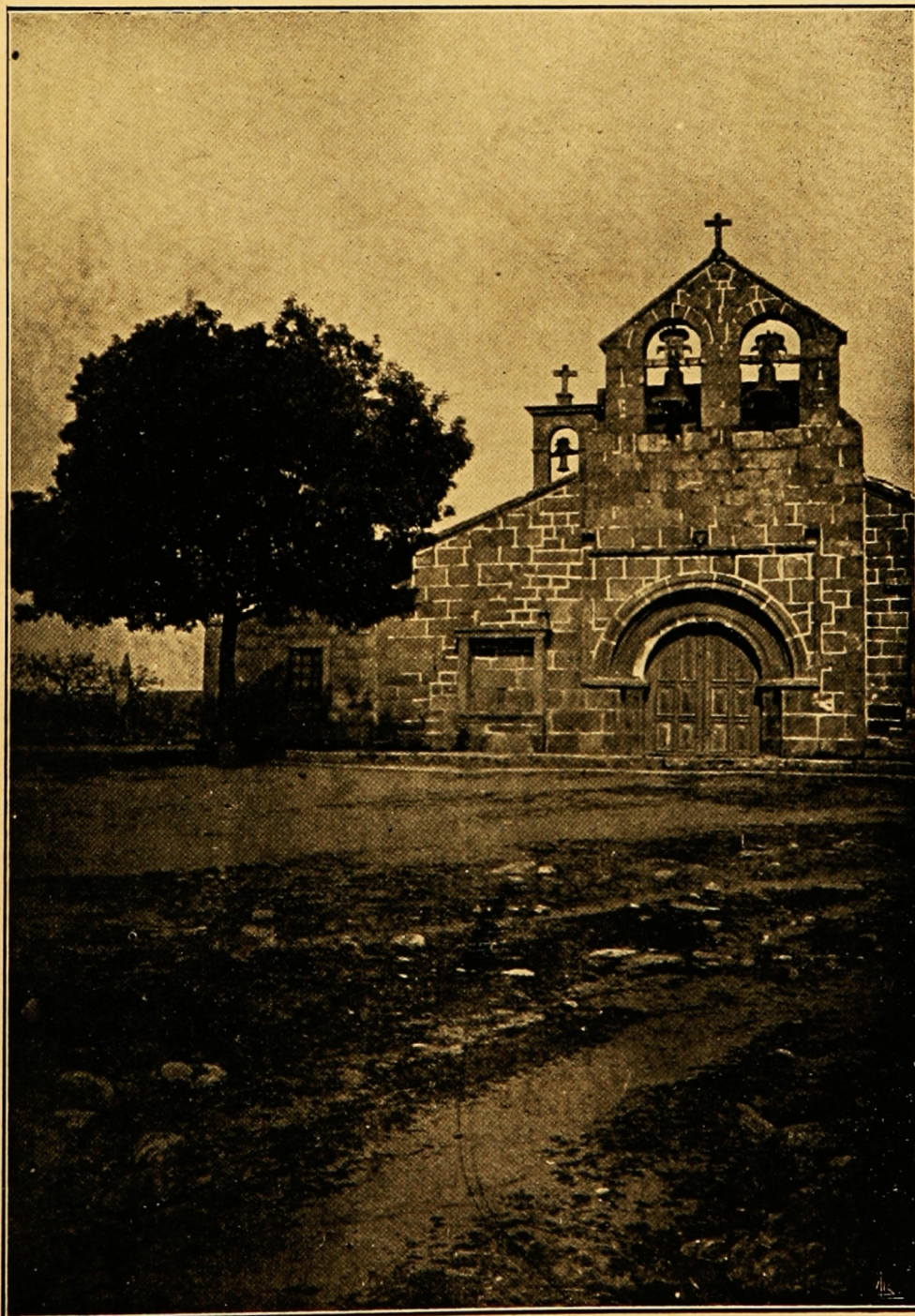
EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 14 de fevereiro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 33—Anno I



FIGUEIRA DE CASTELLO RODRIGO — Egreja matriz da freguezia de Freixeda do Torrão

(Cliché do phot. am. sr. Guerra Maio)

Chronica da semana

XXXIII



QUANTAS claras verificações de psychologia politica não poderiam tirar-se da recente crise, que fructuosos em exemplos não são os dias de hoje, se o espirito os compara aos de hontem, aos de sempre, no devolver da historia do mundo!

A estatua de Nabuco tombando pela fragilidade do pedestal, o rocha Tarpeia, o premio de todas as tyrannias, o grito anciado de todas as plebes,—como elles revivem cruamente nos factos transcorridos!...

Affonso Costa pode n'esta hora de vexame e de derrota, paraphrasear os versos do *D. Carlos*, na opera da Verdi:

—'Ah! se a realeza nos deixasse o poder de ler no fundo dos corações!... ,

O fogo crepitante das funestas paixões do egoismo, o acicate das vaidades desmedidas cegam, porém, a razão dos homens, e rujam embora as coleras irrefreaveis d'um povo acalanhado e opprimido, recresça a todo o momento a hispida selva das revoltas, nas aridas terras do exilio ou no arido e sepulchral isolamento dos carceres;—coleras e revoltas resvalam pela bronzea couraça de estupenda e archaica cubiça de mandar, que veste o peito de todos os oppressores, enregelando-lhes o coração.

Nunca elles fartam os seus instinctos de malvadez, nunca lhes basta o ultimo requinte de tortura, imaginado n'um delirio atroz de perversidades doentias.

São leis fataes copiadas em cada pagina dos fastos do mundo, em que a palavra Direito se occulta sob os coagulos d'uma nodoa de sangue ou sob as côdeas d'uma mancha de lodo!

...Os senhores, porque são ingenuos, acreditaram n'uma ampla amnistia que abrisse os portões de ferro das cadeias e arrancasse da linha das fronteiras o decreto de irradiação, dos criminosos politicos. Vãs utopias! Disse um dia um pensador que n'uma democracia, a palavra *lei* era a mais inquietante e a mais perigosa, e continuamente o vemos comprovado. Em nome da *lei*, a justiça social torna-se espada de dois gumes; em nome da *lei*, outras leis se prostergam; em nome da *lei* o individuo e o seu direito são apenas e simplesmente zero, perante a vontade soberana dos demagogos sombrios!

Que temos visto? A *lei* e seus esbirros ferindo e anarchisando, em vez de organizar e defender. Sob o pretexto de salvação publica, para salvar a democracia, de que se julgam unicos defensores, os dominadores tyrannicos

de um dia usam de todas as violencias e de todas as dolosas especies de traições, e vêmo-los, agora como sempre, desde que as doutrinas revolucionarias se arvoraram em sistema governativo, appellando para ellas, com o fim de profundar ainda mais a divisão do paiz estremando os seus filhos, n'uma arbitraria destrinça, legitimos e renegados.

Assim é que á ultima hora, se vem allegar as qualidades de *chefes* e *subordinados* para atirar para o estrangeiro com um punhado de valiosos portuguezes... como se fosse ainda exigu o numero d'aquelles que penam em terras estranhas as desolações d'uma vida de condemnação. As ideias puras não logram realisar-se, quando o criterio das democracias revolucionarias norteia o espirito dos governantes!...

O vicio é de origem. Não se destroe com mudanças de ministerio, rotulados embora com o distico de moderados.

E' preciso descer á raiz do mal, e combate-lo energica e decisivamente.

...O sr. Bernardino Machado forma governo? Que importa? se o desejo do Chefe do Estado já apparece malsinado nas notas officiosas, e vamos assistir de novo a um espectaculo que briga com a bondade congenita e respeitavel do nosso povo, e que simultaneamente escarnece dos principios de humanidade, da lei immutavel da Justiça e do fundamental principio da Liberdade?...

F. V.

NO MONTE



*Debaixo d'uma azinheira,
Eu, muitas vezes, me sento,
Ouvindo o gemer do vento
N'uma corrida ligeira...*

*E, alli, feita pegureira,
Nas azas do pensamento,
Eu percorro, n'um momento,
Toda a minha vida inteira.*

*Compraz-se-me o coração
Aqui, n'esta solidão,
Tão funda e misteriosa...*

*A vida, aqui, é tão calma...
E a paz é para a minha alma
O que o orvalho é para a rosa.*

FRANCISCO SEQUEIRA.



Serões eruditos

IV

Aventuras do alfabeto



INHA concebido o projecto de consagrar o nosso quarto serão ao *Diccionario infernal*. Brrr! Mas por deferencia para com as amaveis leitoras escolhi assumpto menos pavoroso. Não quero amedronta-las n'esta quadra festiva do anno.

Aventuras do alfabeto! Mas que aventuras podem ser essas? Haverá maneira de escrever um

artigo de erudição amena sobre as letras do alfabeto? Ha. Até dão materia para volumes. Podem ficar certos os leitores de que consagraremos varios serões ás letras do alfabeto. Hoje, para começar, vamos apenas olhar para a forma exterior das letras e notar as aventuras litterarias de algumas d'ellas.

O A, por exemplo, anda como o fado, *virado da cabeça* para os pés. Que a fallar verdade o A não tem pés: é só cabeça: cabeça de boi. No alfabeto phenicio, do qual foi tomado, escrevia-se A, e representava a cabeça d'um boi; queira o leitor reparar bem nos dois pausinhos que antes de se *virar* a letra eram bem visiveis. E, com effeito, os *nomes* das letras teem sua razão de ser, como veremos um dia com mais vagar. Por hoje direi apenas que o nome do

A em phenicio significava *boi*—o que vae á frente, chefe, guia, capitão, em summa. Porque o A é por assim dizer o guia, a primeira das 24 letras (ou mais, n'outros alphabets, como o russo, que tem 36) o capitão d'esses 24 soldados das grandes batalhas litterarias.

Aqui não sei se siga pelas vogaes ou pela ordem alphabetica. E' melhor ir pelas vogaes. O *E* é uma letra muito seria, amiga de sua casa e bastante sympathica. Ha letras que teem uma chronica escandalosa, como veremos do *L*, que teve atravez dos seculos varias uniões illicitas. O *E* não, senhores. Ninguém lhe põe bocca! O mais que se pôde dizer é que é amiga de penduricalhos e enfeites—como em geral as senhoras são. Assim, conforme as linguas em que apparece, usa plumas ou *aigrettes* de varios feitios, è—é—ê—ë. Houve um tempo em que os philologos quizeram attribuir a cada letra uma significação especial,



BRAGA—Egreja de S. Vicente. O altar de N. Senhora da Luz no dia da festividade realisada em 2 do corrente

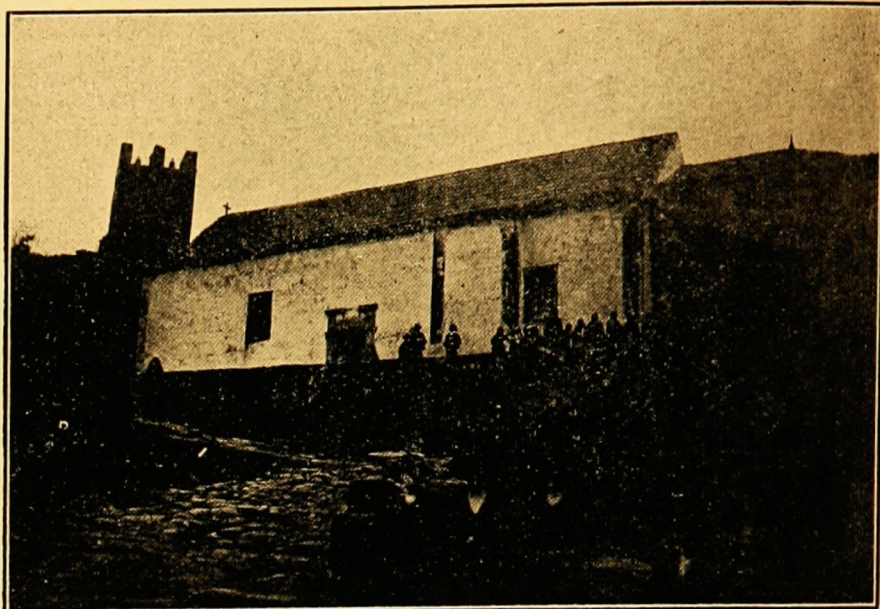


construindo sobre essa base, bastante engenhosa, theorias sobre interpretação das linguas. Assim o fez Davis para o celta e Astarloa para o vasconço. Ora o *E* segundo Astarloa significa *doçura, suavidade*, e quadrou magnificamente ao nome da primeira mulher, da nossa mãe *Eva*. Por isso lhe chamei *sympathica*.

O *O*, pela sua figura, entra no estylo e diz-se: gordo como um *O*. E quando se quer significar que uma coisa está muito bem feita diz-se: *como o O de Giotto*, porque este pintor italiano tinha a mão tão segura que traçava uma circumferencia perfeita sem auxilio de compasso. Conservo do *O* gratissimas recordações, porque era ouvindo cantar *ó ó* que eu fazia *ó ó* no regaço de minha mãe.

Tambem não desgosto do *U*, apesar de se prestar, como exclamação, pelo seu som soturno, a metter medo. *U papão!* Em compensação um bello banquete parece muito mais chic se a mesa estiver disposta em *U*, como se costuma dizer.

Um poeta francez, creio que Musset, fez uma poesia em que, descrevendo a lua que campeava no ceu por cima d'uma torre parecia um ponto sobre um *I—i*, por causa do ponto que esta *sympathica* letra arranhou, ahi por volta do seculo XIII.



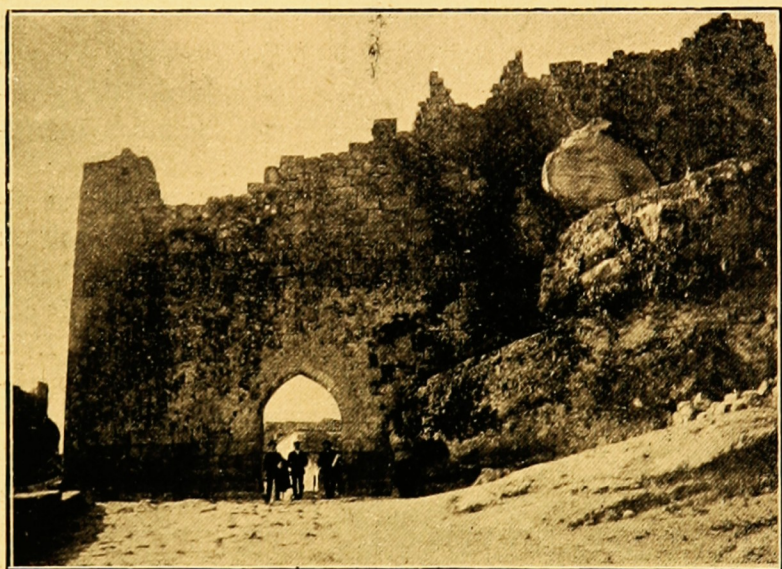
Sortelha—Egreja matriz e o campanario romano

O qual ponto sobre o *I* serviu a outro poeta para uma comparação muito vulgarizada em França:

*Le baiser est un point rose
Qu'on met sur l' i du verbe aimer.*

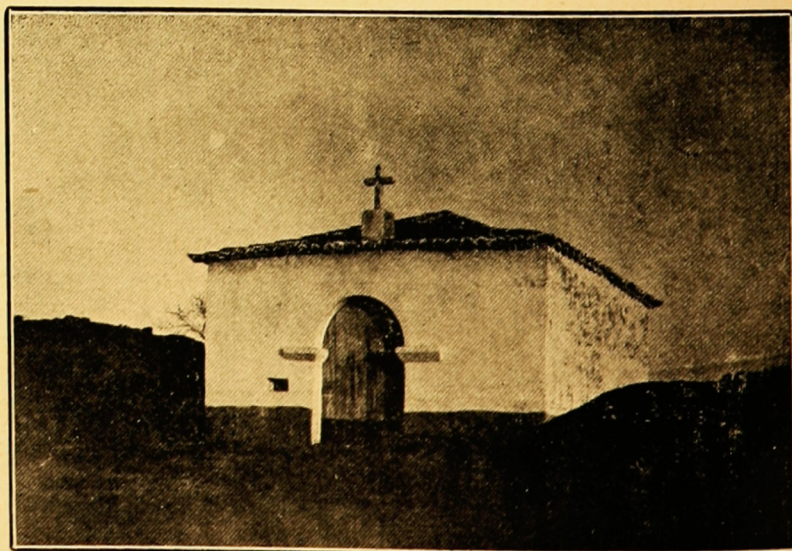
Junto com outras letras, o *I* offereceu sempre a imagem d'uma dama. Assim o casal d'um marido gordo e d'uma mulher magra, afigurou-se a varios autores um *BI...* O celebre romancista hespanhol José Maria de Pereda, no seu romance *El buey suelto*, ao descrever o solteirão *Gedeon* de passeio com a sua ex-creada, disse que elle ia pela rua inclinado sobre ella como um *f* sobre um *i: fi*.

Com ser tão pequenino o *i*, ha linguas em que tem, só por si, varias significações: em portuguez o som *i* representa a conjun-



Sortelha—Entrada para a villa

Mas as minhas predilecções são para o *I*. Oh! O *I!* Que modesta letra! Um simples traço. Já um auctor, na antiguidade, lhe chamou *semilittera*: meia letra. Serve-nos o seu som para a admiração e a alegria: *Ih! — Ih! Ih! Ih!* — Serve tambem para tudo que significa *pequenino*. Assim, tendo-se chamado outr'ora *iota* — vemos que na Biblia se diz que não passará «nem um jota»: *iota unum* para significar um pequenino pormenor. Quando um hespanhol vos disser: *No comprehendo ni jota*: quer dizer: nada. E noto que a phrase franceza *je n'y comprends goutte* é talvez uma adaptação do *jota* hespanhol. Porque não sei como se *comprehende...* uma gotta. Uma gotta de Porto, ainda se comprehende!



Sortelha—Monte de Santa Catharina



Sortêlha



Foi villa, comarca e concelho, sendo hoje apenas freguezia.

Está situada na Beira Baixa a 12 kilometros do Sabugal, 24 da Guarda, 275 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768 tinha 211.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

E' uma povoação antiquissima.

D. Sancho II deu-lhe foral sem data.

O rei D. Manuel, deu-lhe novo foral em Santarem, no 1.º de junho de 1510.



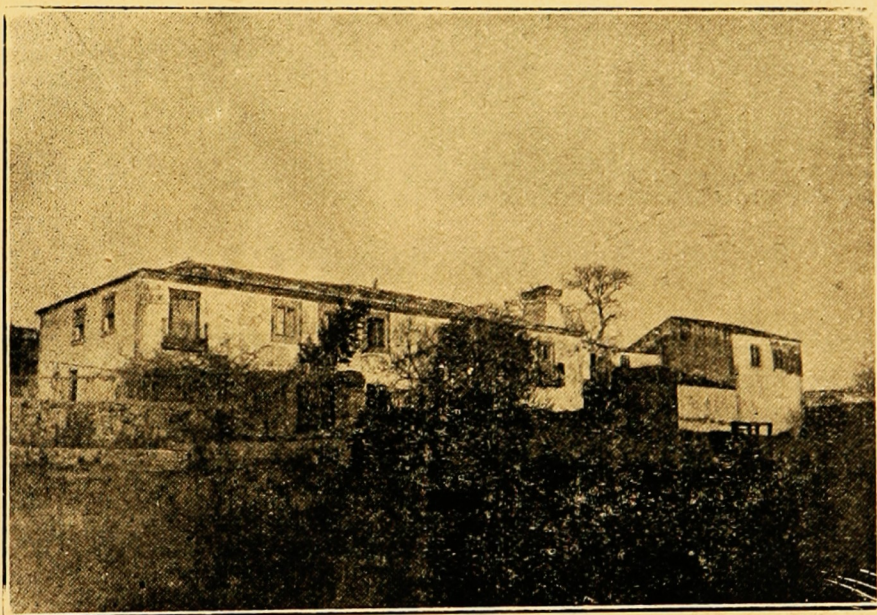
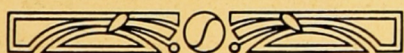
Sortêlha — Costumes populares

ção copulativa; em dinamarquez, *i* quer dizer *em*. Em russo, *i* é tambem a conjunção copulativa; em latim, *i* é o imperativo do verbo *ire* e significa *vae...*

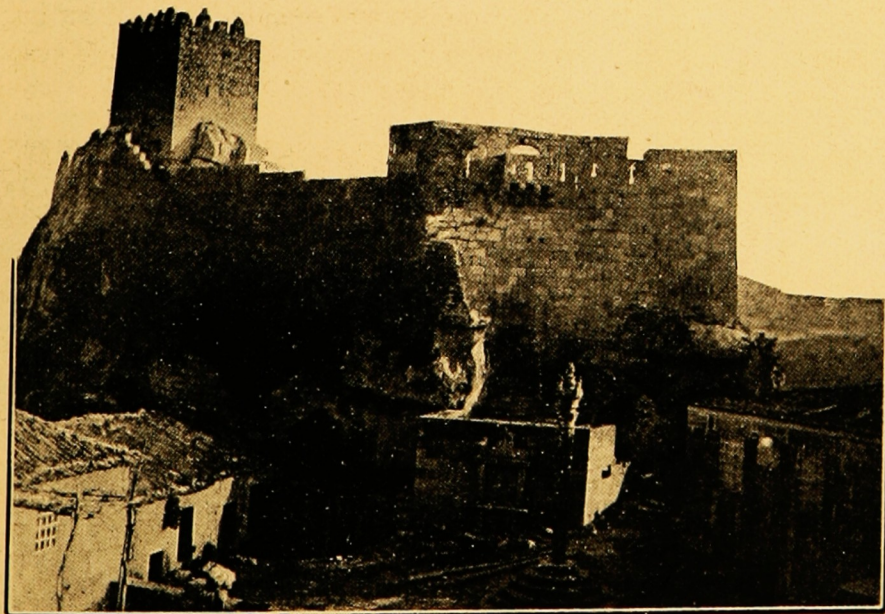
E eu, effectivamente, *vou...* pôr ponto, porque os leitores podem juntar o *a* com o *i* e exclamar: *ai* que maçador! E eu não quero ser maçador, porque lá estaria o director da revista para pôr os pontos nos *ii...*

Colonia (Allemanha), 29—12—913.

ARTHUR BIVAR.



Sortêlha—Arrabaldes. Quinta da Cosodoura pertencente á familia Saccadura Botte



Sortêlha—Castello

Foi cabeça de concelho do seu nome com 1:300 fogos, sendo suprimido depois de 1834.

A villa está situada sobre um alto penhasco, e perto da origem do rio Côa.

Foram seus alcaides-móres os barões de Quintella, depois condes de Farrôbo.

Sortêlha, é corrupção de sortija, palavra castelhana, que significa anel.

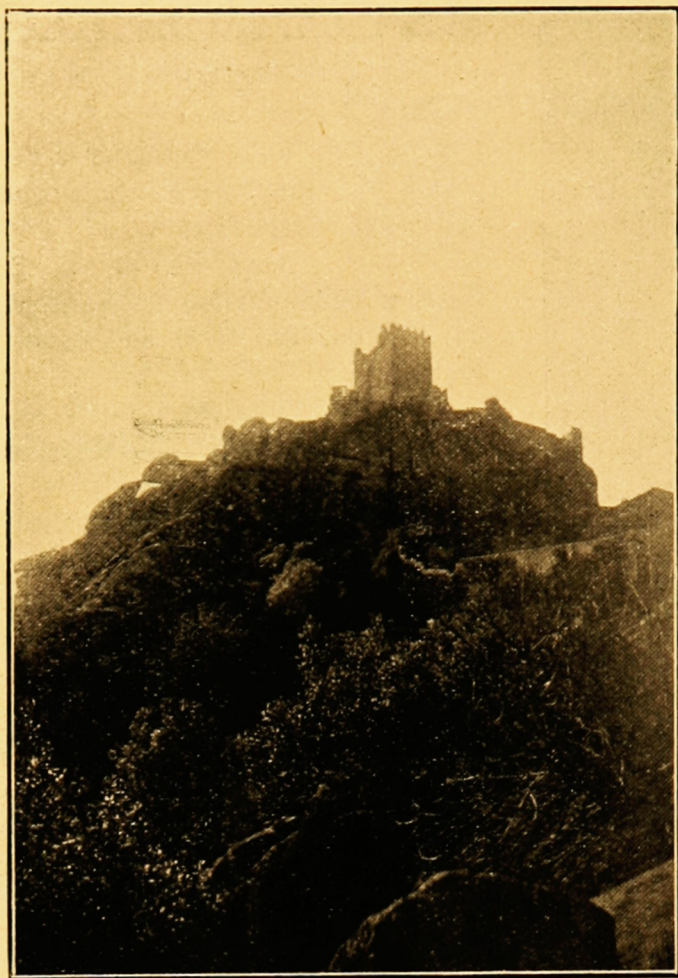
Tambem antigamente se dizia Sortêlla.

Deu-se-lhe este nome porque as suas armas são um castello com um anel.

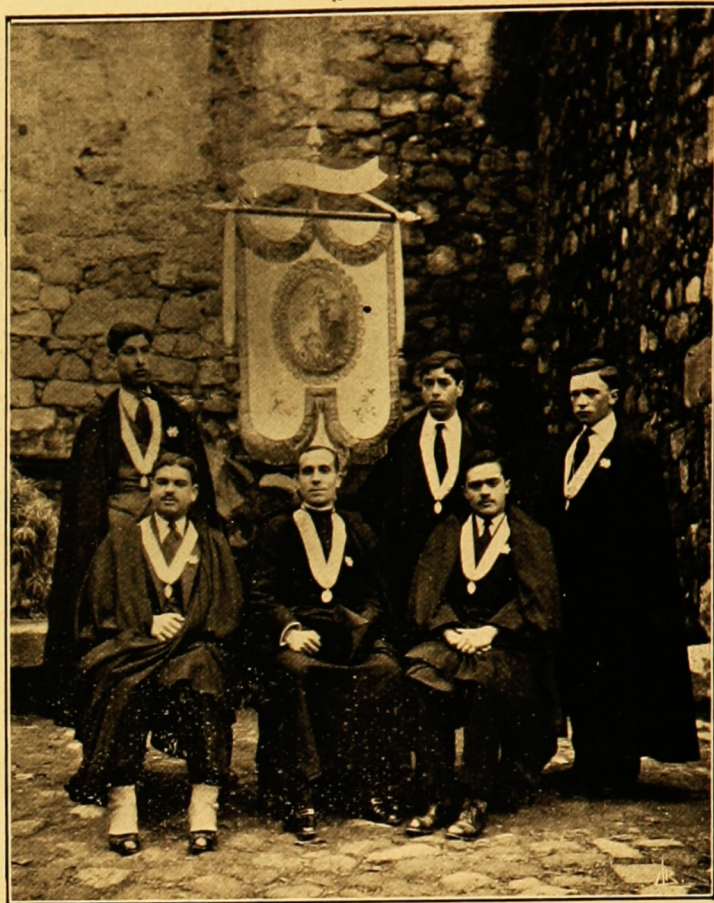
Antigamente era uma meia lua.

A posição d'esta villa, que é forte





Sortêlha—Outro aspecto do castello



BRAGA—Direcção da Congregação Académica dos Filhos de Maria

por natureza, o foi também por arte cercada de muros, com um fortissimo castello.

Hoje está tudo desmantelado.

Como em 1187 estivesse abandonada, D. Sancho I mandou-a povoar, reedificando as fortalezas que eram obra dos mouros (e também dos romanos).

O territorio d'esta freguezia é fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado e ha abundante caça.

Os seus arredores são cheios de pittorescas evocações da vida de outras eras.

Os costumes do povo, a falta com-



VIANNA DO CASTELLO—Os corpos dirigentes da Juventude Catholica

Sentados: *Padre Domingos Affonso do Paço, Manuel Martins Dantas de Brito, dr. Jayme Esteves Fernandes, dr. Arthur Cardoso da Silva, Joaquim Cunha Reis e João Antonio Fernandes.* De pé: *João Pinto Campos Varaja, Joaquim Pereira Ribeiro, José Benvindo d'Araujo, Manuel Martins de Santo Amaro, Abel da Rocha Amorim, Herculano Costa, Joaquim Amaro Cardoso da Silva e Avelino José Cerqueira Marques.*

(Cliché do phot. am. snr. Eusebio Rocha.)



pleta de estradas e de todo o conforto moderno, tudo nos transporta aos tempos medievaes cuidando a cada passo cruzarmos com os guerreiros de fulgente couraça que outr'ora guarneciam a altiva fortaleza.

Coimbra—Cellas, 5—1—1914.

JOÃO M. SACCADURA CORTE REAL.

Vida intensa



(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)



A dias, um jornalista madrileno depois d'entrevistar Galdoz, horrorizado com a mediania do mestre, que no fim da vida, quasi cego, trabalha para viver, veio para o seu jornal reclamar o auxilio dos escriptores hespanhoes. O apello do jornalista, — dirigido apenas aos intellectuaes, — fez echo em todo o paiz.



GUIMARÃES — A ex.^{ma} snr.^a D. Amelia da Costa Guimarães, prendada filha do snr. Simão da Costa Guimarães, dirigindo-se á egreja pelo braço do snr. Narciso Ferreira, pae do noivo. No 2.^o plano vê-se o pae da noiva e o noivo snr. Alfredo Ferreira.



GUIMARÃES—Os noivos sahindo da egreja
(Clichés do phot. am. snr. Luiz do Souto)

A Hespanha, tem ainda o culto das suas glorias e das suas tradições, dos seus poetas e dos seus heroes, que despertam na alma popular uma commovida admiração que é, sempre, o reverso amavel dos povos que tem caracter. O povo talvez não distinga entre a bravura d'um soldado e a sentimentalidade inspirada d'um poeta, mas ama-os, aprecia-os, igualmente, no que tem de admiravel e de grande, porque simplesmente vêem atravez da sua gloria e da sua grandeza, a patria gloriosa e engrandecida. Tambem em nenhum paiz existe mais arreigado o culto do que é seu — resto d'orgulho andante de Quixote, que alimentam essa força invencivel que é indiscutivelmente o reducto seguro d'uma nacionalidade.

Ha tempos um poeta hespanhol, respondia a um amigo, que lhe aconselhára uma viagem de estudo a Paris:

— *Si quieren aprender algo, que vengan los franceses; yo estoy en mi casa...*

E o poeta, a despeito do seu jaquetão inglez, sentia a alma ainda dentro d'um gibão negro e marcava altivamente as palavras, com orgulho, com altivez, taconeando no chão como se vincasse pimpão, com as espo-



ras de prata, qualquer affronta e se fosse depois galante e nobre, no *tercio de Flandres*.

A resposta do poeta, com todo o sabor orgulhoso e brigão d'um passado de gloria, era afinal uma feição nitida do character hespanhol. Eu creio, mesmo, que nenhum outro povo existe, com mais physionomia moral e que melhor saiba ligar o orgulho com a bizarría, que seja mais galhardo e mais

Mas vivendo, assim, do passado, sendo quasi um anachronismo psychico, no meio da friesa exacta dos sentimentos modernos, como nenhum outro tambem, caminha voltado para o futuro, avido de progredir, de se engrandecer. O culto das suas glorias é o culto da sua patria, venham ellas da ousadia d'um soldado nos trigaes scenographicos do Gharb ou da estancia admiravel d'um poeta ou d'um romancista commovendo a multidão, das paginas d'um livro. Para ella, a mesma grandeza] as irmana, impõe, os vae coroar de gloria na mesma febre d'admiração.

Se Galdoz fosse portuguez, morreria de fome ou teria a offerta d'um amanuensado, unico premio consolador d'uma patria agradecida e se um apello viesse ao paiz, seria improficuo, inutil, porque raros seriam os que soubessem pronunciar o seu nome. Gomes Leal, o grande poeta, acaba na miseria, a sua velhice desamparada. Galdoz com a sua mediania, que commove a patria, mas que lhe permite possuir uma casa e um coupé, vae ter dentro de breves dias uma pensão do estado, reclamada, imposta, por um paiz inteiro, que venerando as suas glorias, não comprehende, não quer, que ellas soffram as contingencias da vida.

E é no meio da turbulencia das eleições, que se avizinham, agitando e remexendo a nação que o povo acode ao chamamento do jornalista e pensa com enternecimento, nos seus poetas e nos seus heroes.

A lucta vae ser agitada, sangrenta mesmo.

Dato, terá que luctar com uma colligação perigosa dos liberaes e dos reformistas; com o justo resentimento dos mauristas despe-

tados; com os republicanos de todos os matizes, mas ha-de vencer, porque os governos vencem sempre, a não ser que a Hespanha adopte o invento sensacional do engenheiro rumano, que acaba de construir e fazer experimentar em Bucarest, com grande exito, uma machina de votar.

Dizem os jornaes que o apparelho é uma maravilha e que quando adoptado corrigirá os proces-

A "Ilustração Ca



NICTHEROY — Grupo tirado apoz o «pic-nic» levado a
Veem-se n'este grupo os sr
Alvaro Leite, Manuel Mattos, Abilio
José Ferreira e José



...sos lamentaveis de exercer o direito do voto.

O invento é curioso, sobretudo pela novidade. Até aqui tudo estava methodisado, mechanisado e na precisão automatica dos movimentos exactos, a nossa existencia desenrolava-se igual, sem interesse, aborrecida. Mas agora, o sr. Lusso, vae mais longe e prepara-se para dominar as convicções.

E' ao menos uma garantia da sua firmeza.

Na Rumania está certo; é natural que um engenheiro ousado tenha a velleidade scientifica de querer mechanizar as convicções; no nosso pobre Portugal onde ellas infelizmente são tão estaveis, seria um epigramma para muitos, um insulto para alguns...

O inventor diz ter resolvido com o seu invento todas as mil fraudes eleitoraes pois que a sua machina maravilhosa não consente uma tranquibernia.

Quando o eleitor faz pressão no botão correspondente ao nome do candidato preferido, esse acto é tão rapido e fielmente registado que não pode dar logar a uma fraude...

Porque não adopta o governo d'ahi — que parece preocupado tambem com as proximas eleições geraes — essa maravilha moderna?

Era um processo até de realisar com fidelidade o suffragio promettido. Mas tenha cuidado, que apesar da reclamada precisão scientifica do apparelho, o nosso cacique, com toda a sua manha eleiçoeira, ha-de habilmente arranjar um botão especial para a *chapela-da...*

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

atholica,, no Brazil



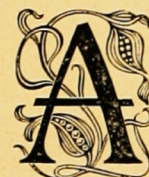
...a effeito pelo sr. Alvaro Leite no Sacco de S. Francisco.
...seguintes rapazes de Braga:
...io Cunha, Manuel Alexandre Pereira,
...e de Souza (Zé Petiz)

Figuras da Beira

XV

Dr. Vellado da Fonseca

∞∞



ANTONIO Affonso Maria Vellado Alves Pereira de Fonseca foi uma figura singular do brilho e de desditas esmagadoras.

A precocidade dos seus talentos impoz o seu nome a Lamego como o de uma das mais legitimas e invulgares glorias da historica e pittoresca cidade.

Logo nas primeiras letras, Vellado da Fonseca era um assombro de intelligencia e saber. Mais adinvinhava do que aprendia, parecendo repetir as agudezas clarividentes do famoso e grande Braz Pascal.

Vivo, rapido de penetração, vigorosamente logico, com que instinctivamente presentidor da melhor pedagogia moderna, a sua mentalidade mais orientava do que seguia as lições dos melhores pro-



fessores. Porisso todos esperavam d'elle um novo Pie de la Mirandola, maes talvez menos prodigioso



O sr. Augusto Chaim Junior,
distincto photographo amator e assiduo collaborador
artístico da "Illustração Catholica,"

humanista do que profundo e grande philosopho.

Assim chegou á Universidade de Coimbra, opulento dos melhores louros escolares, e na Universidade conquistava com gloria a cathedra de lente de philosophia, quando apenas contava 23 annos!

Vinte e tres annos, mas, infelizmente, n'um organismo franzino e nevrotico, que os desgostos da vida de familia abalaram mortiferamente.,.

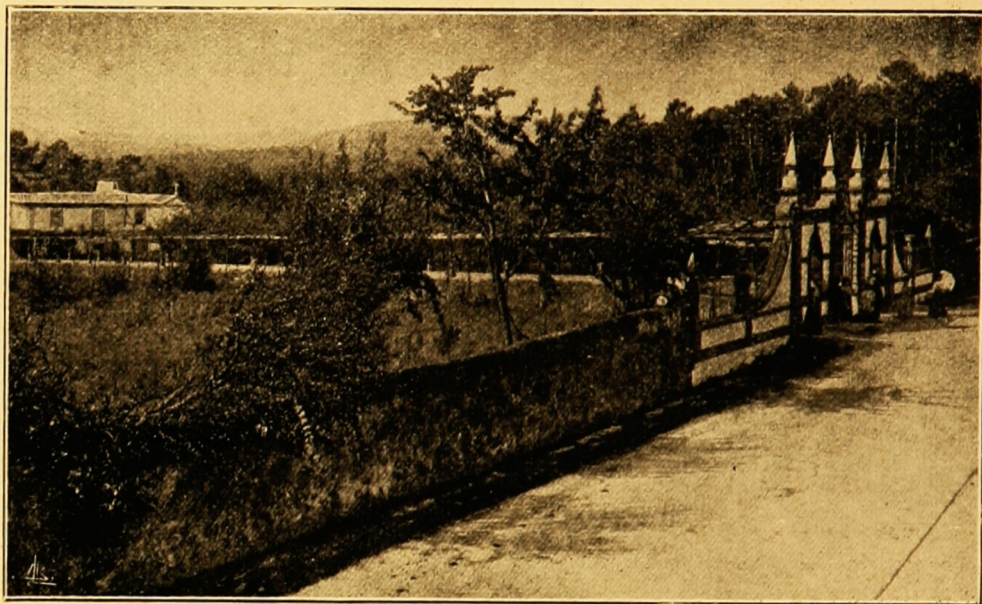
A mãe, antes que elle concluísse o curso, deixara o lar, ferindo-o tanto no coração como ao desditoso pae, o insigne jurisconsulto dr. Antonio Alves Pereira da Fonseca. E, ausente a mãe, o esposo abandonado

pouco tempo viveu junto d'aquelle moço, ferido tão cedo por uma tragica orphandade.

Valeu-lhe, é certo, o amor, a devoção, a ternura do tio, Monsenhor D. Francisco Alves Pereira da Fonseca, sempre disposto a todos os sacrificios para que elle valorizasse os legitimos triumphos do seu talento e do seu trabalho. Foram seus ardentes e nobres cyreneus os doutores Teixeira Bastos e Daniel de Mattos, professores e admiradores de tão illustre e radioso academico.

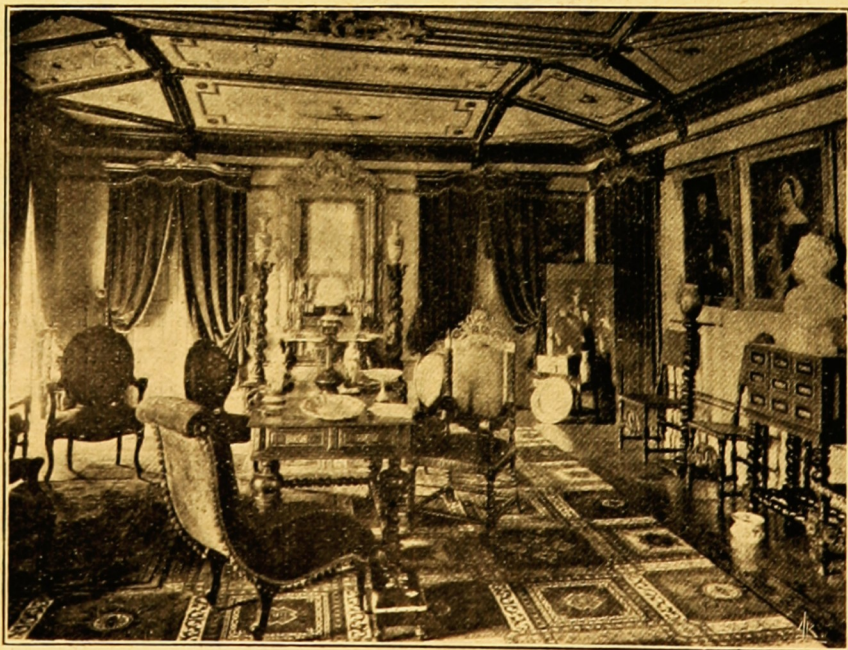
Mas a dor intima nunca a soffreu até a exterminar e calar. Apoderou-se d'elle, empolgando-o em abalos nervosos, progressivamente destruidores da sua melhor vitalidade.

Entretanto, tendo publicado uma these notavel — *Tecidos liquidos dos animaes* — e outras dissertações, lançadas a lume em 1897, com o titulo generico de *Oscillações Electricas* e o sub-titulo *Optica das Oscillações*, e inconfundiveis pela profundeza



BARCELLOS — S. João de Villa Boa

Entrada e parte do palacete da Castanheira pertencente aos snrs. Viscondes de Godim, onde ultimamente esteve de visita o Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso, venerando Bispo do Porto.



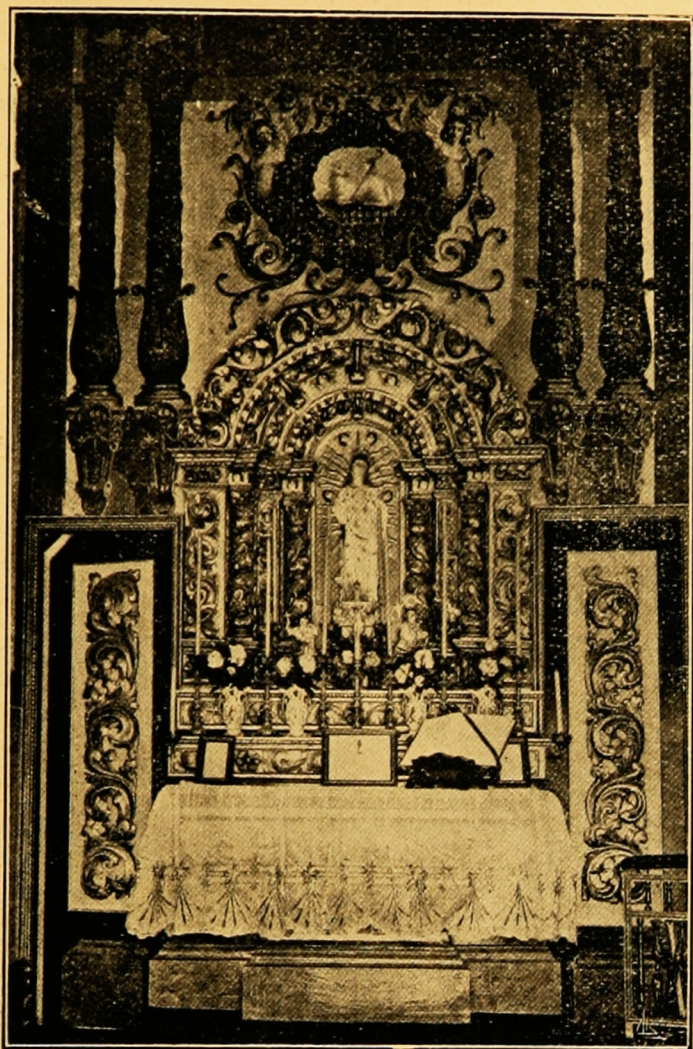
BARCELLOS — S. João de Villa Boa
Salão nobre do palacete da Castanheira

do saber e pela sobria e castiça nitidez da linguagem, parecia que o seu cerebro nada soffrera com tantas amarguras e angustias.

Na cadeira de zoologia, que foi reger depois de jubilado o dr. Manuel Paulino d'Oliveira, resplandesceu, pela intensidade da essencia e pela clareza da linguagem, a sua lição geralmente considerada como modelar e invulgarmente conscienciosa. E não deixou de inclinar-se á vida politica, sendo deputado progressista por Idanha-a-Nova em novembro de 1899, com 25 annos de idade.

Como parlamentar, manifestou-se de veras brilhante e invulgar de senso pratico nas questões mais arduas do ensino. Dissolvida a camara de 1899, foi novamente eleito deputado por Penafiel, merecendo de Hintze Ribeiro, a cujo gover-





BARCELLOS—S. João de Villa Boa

Altar-mór da capella da Castanheira onde o Rev.^{mo} Sr. D. Antonio administrou o Chrisma.

no desassombradamente se oppunha, as mais honrosas homenagens de verdadeiro respeito.

Depois, representou um dos circulos do districto do Porto, ao mesmo tempo que o governo progressista o nomeava director das Escolas Normaes de Lisboa.

Mas a doença, que ha tempos o empoigava, progredia sem treguas.

Os excessivos trabalhos mentaes aggravaram lhe os abalos d'ordem moral, porque a infeliz senhora, que abandonara o lar, não desistia de envenenar a alma do filho com ligeirezas tão dignas de censura como lastima.

Começou o desditoso moço a revelar na face, prematuramente enrugada, as mais pungentes do-

res intimas. Já as não podia esconder, porque o devoravam todo.

Com terror, sentiu elle as primeiras derrocadas da intelligencia. Foi nos fins de 1899. A memoria atrophiava-se-lhe. Amnesias dolorosas precediam verdadeiros estados de inconsciencia. Depois, vieram os symptomas claros da morte da razão. Acudiram-lhe, paternaes, os seus amigos d'alma drs. T. Bastos e Daniel de Mattos. Mas nada poderam fazer.

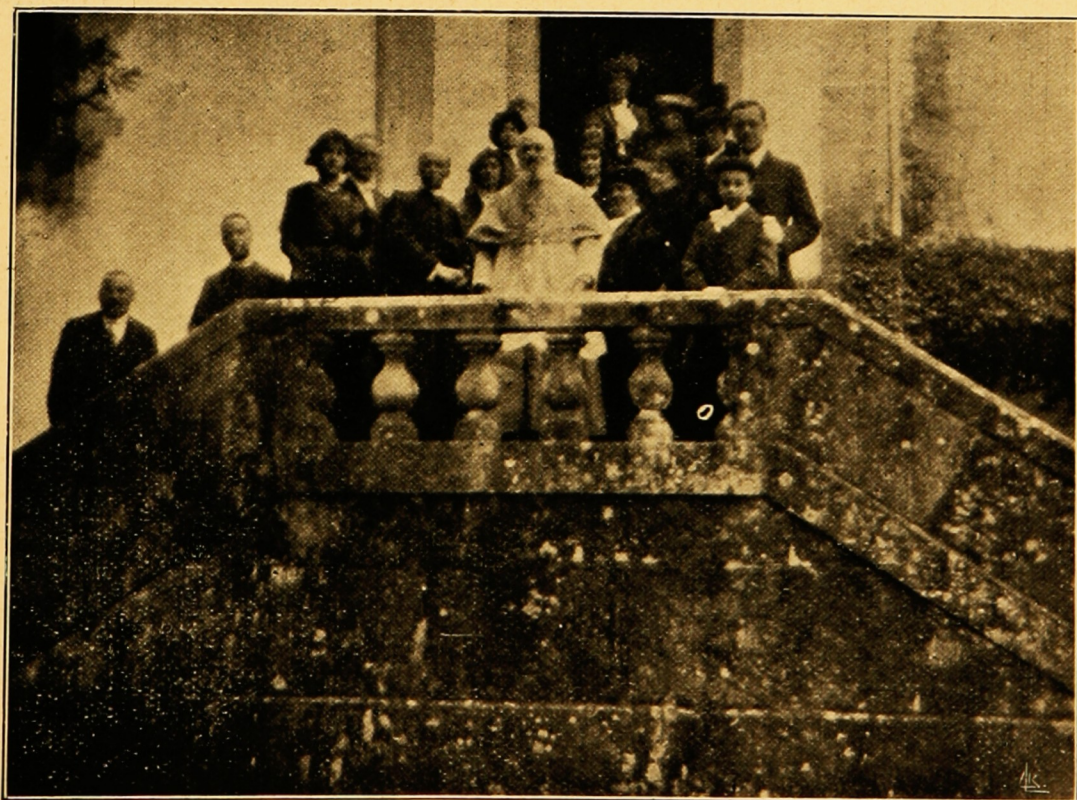
Resolveram-se a leva-lo para uma casa de saude de Paris para onde seguiu a 17 de fevereiro de 1900. Decorridos 5 mezes, celebrava o proprio doente as suas melhoras. O dr. T. Bastos, que o acompanhara á capital franceza foi busca-lo com entusiasmo santo.

Voltou, parecendo quasi restabelecido. O mesmo santo amigo dr. T. Bastos o acompanhou a Vizella onde a sciencia esperava a cura radical. E o doente veio melhor das famosas thermas. Com o dr. Bastos sempre ao seu lado, foi repousar em Lamego, em casa do tio, Monsenhor Alves da Fonseca.

Estava salvo! O enfermo ostentava um aspecto quasi excellente, discernia com a antiga lucidez, recompensava com ternuras captivantes a familia e os amigos que o acarinhavam quasi em extasis.

Mas, de subito, vem o golpe cruel d'uma congestão cerebral. Em tres dias o acommetteu, prostrou e immobilizou. Ungiu-o o illustre sacerdote P. Manuel Augusto Lemos que chorava silenciosamente como todos os circumstantes.

E o sahimento funebre foi, depois, sob a direção do velho e nobre amigo da familia, o poeta



BARCELLOS—S. João de Villa Boa

O Rev.^{mo} Sr. Bispo do Porto e alguns convidados no pateo do palacete da Castanheira.





COIMBRA—Penitenciaría. Grupo de presos políticos e algumas pessoas de suas famílias :

Ao centro, sentadas e de chapéus, vêem-se as ex.^{mas} sr.^{as} D. Mecia Mousinho d'Albuquerque Pimentel e D. Fernanda Mousinho d'Albuquerque, que no dia 9 de janeiro foram servir aos mesmos presos uma abundante refeição, distribuindo depois tabaco e roupas.

Antonio Albino d'Andrade, uma homenagem de unanime e raro sentimento, d'essas homenagens em que as collectividades põem menos pompa do que lagrimas, menos esplendor do que saudades de sempre.

JOSÉ AGOSTINHO.

NOTAS—O dr. Vellado da Fonseca nasceu em Lisboa, na rua do Ouro, a 3 de maio de 1874, e morreu em Lamego, na rua das Côrtes, em casa de Mons. Alves da Fonseca, a 11 de outubro de 1913, minutos antes das 5 da tarde. Foram seus paes o dr. Antonio Alves Pereira da Fonseca e D. Laurinda Vellado da Fonseca, filha dos barões do Freixo.

Foi interno do Collegio Militar da Luz. Assentou praça aos 15 annos em lanceiros da Rainha. Desavindo-se com um professor, matriculou-se na Universidade. Defendeu brilhantemente these a 26 e a 28 de junho de 1897.

Fastos do Catholicismo



O catholicismo na Inglaterra

Vamos trasladar ao nosso idioma um resumo das indicações do «Catholic Directory» para 1914, sobre os progressos do catholicismo na Inglaterra.

O Reino Unido está dividido

em cinco provincias ou arcebispados, dezasete bispados suffraganeos e cinco bispos auxiliares. Total 27 prelados.

Existem 2:264 templos, 82 sagrados este anno, dos quaes 42 em Inglaterra e 40 na Escossia.

Ha no Reino Unido 4:449 sacerdotes; 48 mais do que em 1912; 2.871 pertencem ao clero secular e os restantes 1:578 ao regular.



COIMBRA — Penitenciaria

Mimoso Ruiz, redactor do jornal "A Nação", na sua cella transformada em gabinete de trabalho, burilando as suas "Notas do carcere",



PORTO — Rio Leça

(Cliché do dist. phot. am. snr. Augusto Chaim.)



O annuario de Hickmann, conta 13.386:565 catholicos em todo o reino britannico.

O catholicismo vae desaparecendo... pois não vae?

D. Antão Vaz d'Almada

Nasceu este illustre fidalgo do Minho em 9 de novembro de 1831 e falleceu em 6 de fevereiro de 1914, no Palacio dos Condes d'Almada em Vianna do Castello.

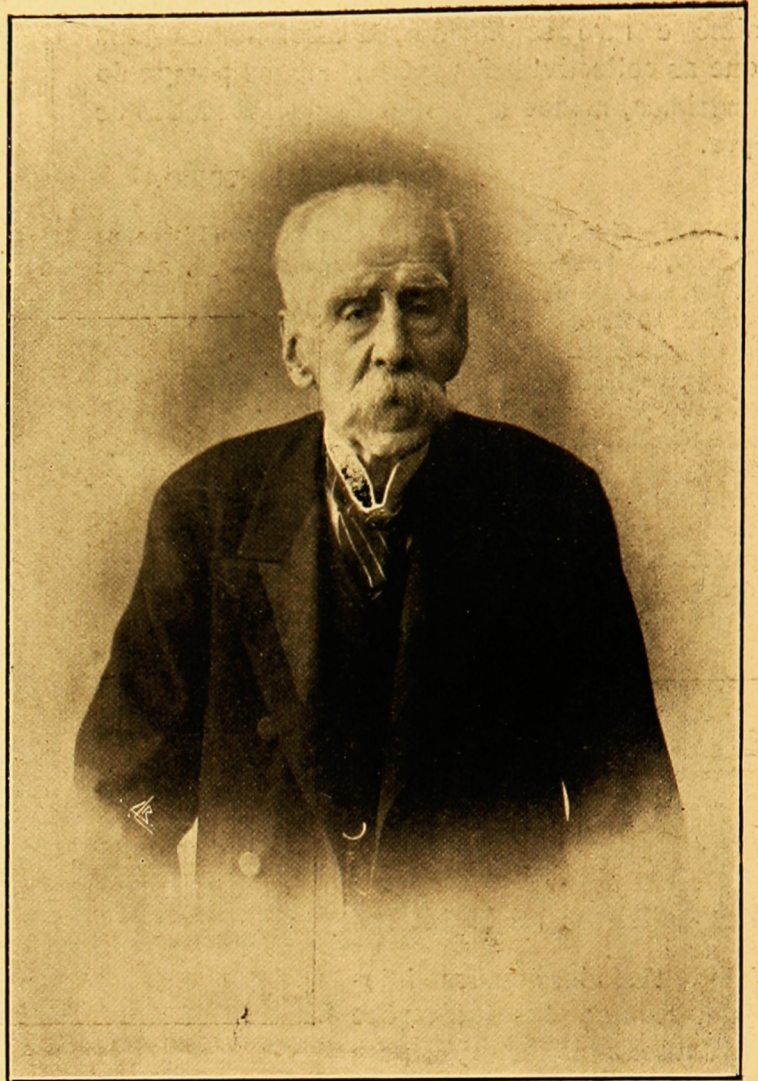
Era o 7.º filho de D. Antão Vaz d'Almada, 2.º Conde d'Almada, Mestre Sala da Casa Real, capitão de cavallaria, Commendador da Ordem de Christo, Ajudante de Campo d'El-Rel D. Miguel I, e da Senhora Condessa d'Almada D. Maria Francisca d'Abreu Pereira Cyrne Peixoto, senhora da Casa de Lanhezes e da Alcaidaria Mór de Ferreira.

Morreu com todos os sacramentos da Igreja, tendo manifestado sempre durante a enfermidade que o victimou a maior resignação christã.

O seu funeral foi o maior testemunho do quanto era estimado, bem como toda a sua familia, tendo-se n'elle incorporado, apesar da chuva, innumeradas pessoas de todas as condições sociaes não só de Vianna como de Lisboa, Porto, Braga, etc.

No funeral, que se realisou na igreja de S. Francisco em cujo cemiterio privativo ficou sepultado, achava-se representado o Partido Legitimista Portuguez e a «Nação» pelo snr. Antonio Pereira da Cunha de Lobo e Castro Vaz d'Almada, que foi quem dirigiu o funeral e fechou o caixão.

O saudoso finado militou sempre no partido miguelista do qual era um dos mais nobres ornamentos.



LISBOA -- A recepção do Senhor Patriarcha



A numerosa e escolhida assistencia sahindo da Sé depois de realisado o «Te-Deum» commemorando a sua entrada na cidade. Na gravura veem-se os snrs. Condes de Bertiandos, Tarouca, E. de Perestrello, Dr. Mello Breyner, etc.





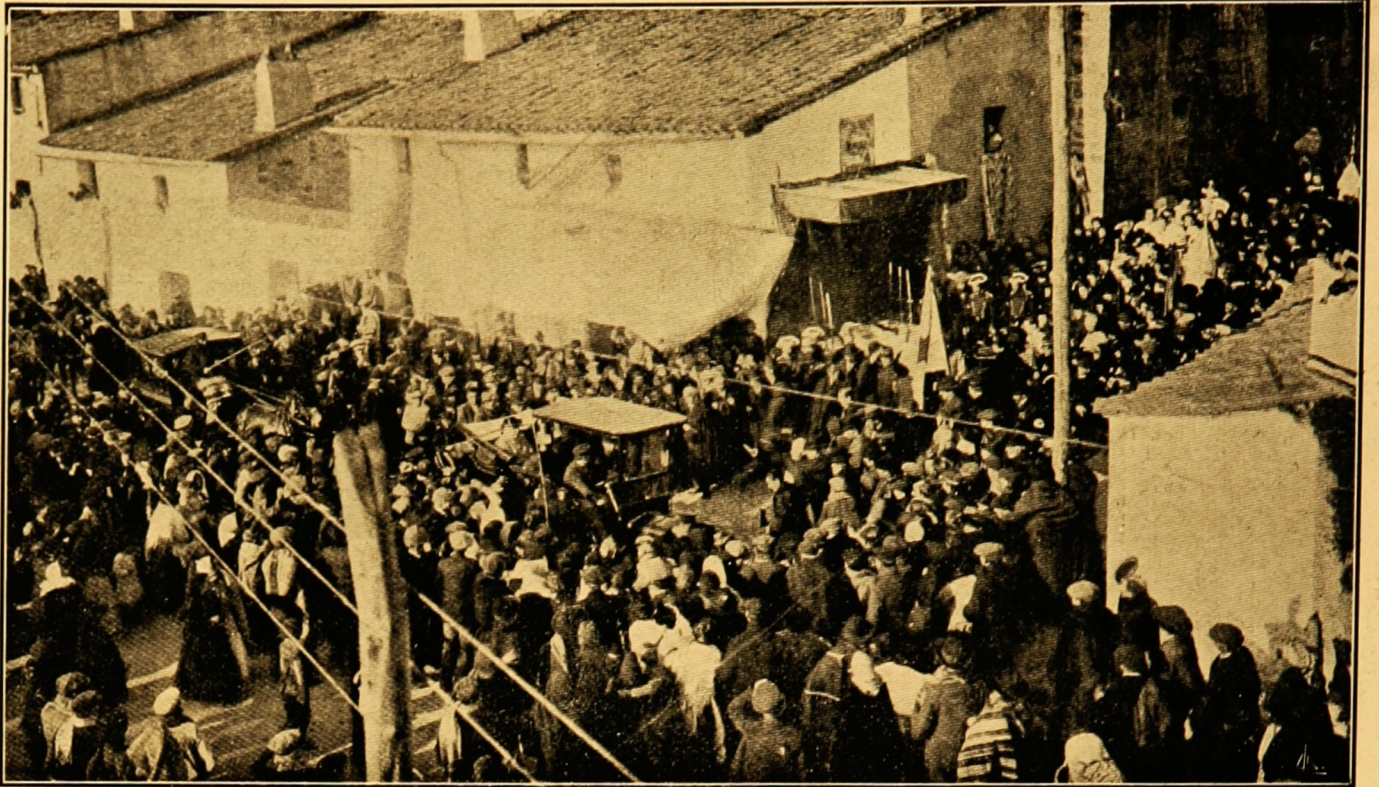
LISBOA—Os catholicos, sahindo do templo, levantam entusiasticos vivas á Religião, á Patria e ao Senhor Patriarcha



Um aspecto da grandiosa manifestação catholica fóra do templo. Entre os manifestantes destacam-se as Ex.^{mas} Snr.^{as} D. Maria Francisca de Menezes e M.^{me} d'Orey, etc.

(Clichés do nosso correspondente phot. de Lisboa).

NOZAS DO ESTRANGEIRO



Hespanha—Chegada do Ex.^{mo} Sr. D. Manuel Torres y Torres, novo bispo de Plasencia, ás portas da cidade.



Plasencia—O novo prelado, revestido de pontifical, dirigindo-se á Sé.

